

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Longe daqui, aqui mesmo

Luiz Inácio Lula da Silva pode ter vários defeitos, mas entre eles não está a falta de intuição aguçada nem a ausência de um senso de oportunidade único. Foi assim que chegou aonde chegou, transitando por um ofício tradicionalmente reservado à elite. Seja ela de esquerda ou de direita, intelectual ou econômica.

Foi por isso que já na antevéspera desta eleição sabia perfeitamente que agora não era a sua hora. Tentou duas vezes, cumpriu um importante papel — para a sociedade e para seu próprio partido — e viu chegando o momento de passar o bastão de candidato preferencial da oposição.

É por isso, por aquelas duas qualidades já citadas, que Lula continua dono da mesma convicção. Tanto que — certamente para desespero daqueles que lhe arrancaram a candidatura a fórceps —, ao responder a primeira pergunta da entrevista que a revista *Veja* publica esta semana, Lula lembra: “Eu não queria ser candidato.” Diz isso para explicar que não demorou a começar a campanha. Deixa claro que simplesmente não desejava tê-la iniciado.

Como prova, segue inapetente pelo resto da entrevista. Nem a estréia nacional da esquerda na política de alianças no primeiro turno (tarefa que se o consumiu na armação da candidatura — também o engrandeceu no que tange à maturidade e firmeza com que lidou com a luta interna do PT) o entusiasmo: “Se não é a melhor do mundo, é a melhor que fizemos em vinte anos”, diz a respeito da frente.

Antes de ser a melhor aliança para a disputa da presidência, essa agora é a primeira. E talvez Lula tenha tocado aí num ponto fundamental para a análise do que anda se passando nessa campanha. A despeito da força avassaladora de um governo e de uma bandeira — a estabilidade —, é chegada a hora de a oposição reconhecer que seu fraco desempenho não pode ser exclusivamente atribuído às ações do adversário.

Muito preocupada consigo, a esquerda não se adaptou à democracia na forma de fazer política. Vai bem quando o regime é fechado ou o opositor é um incontestável bandido, mas perde-se quando precisa disputar hegemonia na sociedade pela via da própria construção e não pela destruição do alheio.

A questão da política de alianças é um exemplo bom porque deixa claro como a oposição chegou atrasada abraçando só agora uma tese que o velho MDB comprovou quando, na condição de frente, imprimiu certas derrotas eleitorais à ditadura. Para isso, o centro e parte da esquerda precisaram da direita.

Quem entendeu seguiu adiante. Quem prosseguiu esmurran-do facas apenas impingiu ferimentos à si.

No lugar de usar o tempo que teve entre uma e outra eleição para construir uma candidatura, despreparada e frágil a oposição recorreu a Lula. Como se um homem sozinho fosse capaz de salvar aquilo que não tem salvação enquanto esse setor da política não enfrentar com sinceridade, destemor e falta de preconceito suas mazelas.

Ele aceitou, com toda certeza, porque não poderia conviver com a sensação de que faltava aos companheiros num momento crucial. E, justiça seja feita, provavelmente nenhum outro nome teria a candidatura aprovada pelo PT.

O problema é que quem está com o rosto na vidraça não é a militância, não é a *peãozada*, não é ninguém. É Lula. Que, se por um desses acontecimentos da vida terminar protagonizando uma vitória, terá sido por alguma ação desastrosa do adversário. Não pelo mérito de um projeto consistente que tenha conquistado a sociedade.

Mas, se o desempenho eleitoral de Lula, no final, for pior que os anteriores, que a esquerda pelo menos tenha a dignidade de não atribuir ao candidato a culpa. Afinal, ele avisou e não pode responder por erros que não são exclusivamente seus.